

PREGAÇÃO, IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E O PLURALISMO RELIGIOSO PÓS-MODERNO

Preaching, Practical Implication and Post-Modern Religious Pluralism

Michel Augusto^{1*}

RESUMO: Este estudo apresenta de forma sucinta os desafios da exposição do Evangelho no tocante às implicações práticas, seja em virtude da influência pragmática do evangelicalismo atual ou do risco de se adequar o sermão às exigências pluralistas religiosas pós-modernas. Num primeiro momento, este estudo se ocupa em trazer algumas considerações acerca do sermão expositivo e o seu respectivo valor para a pregação do Evangelho. Num segundo momento, é trabalhado a possibilidade e necessidade dessa forma sermória no contexto midiático, em detrimento do pragmatismo religioso neopentecostal e da influência modernista no meio evangélico. Por fim, é apresentada algumas considerações acerca das implicações práticas no contexto do sermão expositivo como forma e alternativa para contrapontos necessários ao pluralismo religioso no seio protestante pós-moderno, evocando a Bíblia como autoridade final sobre a vida do ouvinte.

Palavras-chave: Pregação. Sermão Expositivo. Implicações Práticas. Pluralismo. Pós-Modernidade.

ABSTRACT: This study presents a succinct manner the challenges of the exhibition of the Gospel with regard to practical implications, is due to the pragmatic influence of current evangelicalism or risk suit the sermon to the postmodern pluralist religious requirements. At first, this study is concerned to bring some considerations about the expository sermon and its value to the preaching of the Gospel. Secondly, it worked the possibility and necessity of this sermória way in the media context, to the detriment of the New Pentecostal religious pragmatism and modernist influence in evangelical circles. Finally, it presented some considerations about the practical implications in the context of the expository sermon as and alternative way to counterpoints necessary for religious pluralism in post-modern Protestant breast, evoking the Bible as the final authority on the life of the listener.

Keywords: Preaching. Expository Sermon. Practical implications. Pluralism. Post-Modernity.

*Doutorando em Teologia Pastoral. Faculdades EST. Mestre em Teologia Pastoral. Bacharel em Teologia e Direito. Email: pastormichelaugusto@gmail.com

Considerações iniciais

Há um abismo contextual entre o mundo bíblico e o contemporâneo. Esse abismo é amenizado ao se aplicar o texto ao ambiente do ouvinte. No entanto, quem ouve a mensagem vive num período com características próprias. O mundo pós-moderno tem fatores determinantes na vida do ouvinte e assim sendo, deve fazer parte da contextualização nas implicações práticas de um sermão, pois os ouvintes enfrentam desafios na sociedade, cultura e família.

Considera-se que a aplicação de uma mensagem não é uma tarefa fácil, pois “vive-se num mundo mutável, complexo e pluralista, onde o cristão é desafiado a viver conforme a mente de Cristo e a usar o seu testemunho no processo de influência²”, e num ambiente que ecoa muitas vozes espiritualistas de cunho místico plural. A pregação acontece diante dos resquícios modernistas iluministas, no qual a “Bíblia torna-se apenas um livro de espiritualidade escapista individual, cheio de distorções e preconceitos e é privatizada e desmembrada. E caso alguém lute contra essa visão, é chamado de fundamentalista pré-moderno³”.

A pregação expositiva aparece neste contexto não com a pretensão de resolver todas as tensões pós-modernas, mas com a finalidade de transpor o ouvinte pós-modernista ao entendimento e prática bíblica, evocando a autoridade final da mesma para todos os assuntos de fé e prática. Numa sociedade líquida, a pregação bíblica expositiva pode ser encarada como autoritária em algumas questões mais nevrálgicas do cotidiano. Sendo assim, a exposição bíblica tem como objetivo expor o texto bíblico e aplicar ao contexto atual do ouvinte, tornando-o inteligível para o leitor atual e o desafiando a viver a Bíblia como autoridade final.

Desta forma, o desafio da contextualização do texto com a respectiva aplicação, que pode ocorrer durante o sermão ou no momento final, deve se adequar ao devido

² STOTT, John. *Os cristãos e os desafios contemporâneos*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014, p. 23-73.

³ WHIGHT, N. T. *Surpreendido pelas Escrituras*. Questões atuais desafiadoras. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2015, p. 134.

cuidado para não tornar essas implicações práticas em mero pragmatismo ou pluralismo religioso. “A contextualização é um termo escorregadio com diversas conotações, dependendo muito de quem o usa⁴”. A pregação acontece no contexto onde “a humanidade que tornou madura nos séculos 19 e 20, agora vive destinada a uma evolução social e moral, na direção do que se chama liberdade⁵”.

O desafio da aplicação sermonária diante de um público, ocorre num ambiente conforme nos lembra Gordon Clark, “que não tem nenhuma teoria definida, e consideram a teologia uma material nada prática e inútil. Alguns desses, sem serem conscientemente liberais, proclamam: “Nenhum credo, senão Cristo⁶”. E o que se torna mais complicado nesse quesito é que a implicação da pregação concorre com a máxima: “o que conta não é o que se crê, mas o que se sente⁷”.

Ao falar à um público contemporâneo, o pregador precisa entender que a pregação se desenvolve internamente, mas para um público influenciado pela mídia televisiva, radiofônica, imprensa escrita e mídias sociais. O desafio de contextualização através das prescrições do dia-a-dia do ouvinte sempre foi algo difícil para o pregador igreja. A espiritualidade pós-moderna aponta para a liberdade e subjetivismo religioso, onde cada um constrói o seu sistema de crenças e valores. É nesse contexto que se encontra o desafio do expositor das Escrituras.

A escolha do tema tem como justificativa a linha tênue que existe entre a necessidade da ponte entre o texto e o cotidiano do ouvinte e o risco de transformar esse elo em pragmatismo e pluralismo religioso, que entende que “nenhuma religião pode fazer uma afirmação de singularidade absoluta; portanto, compartilhar a fé tendo como objetivo a conversão é considerado errado e antiético⁸”.

⁴ CARSON, D. A. Deus amordaçado. O cristianismo confronta o pluralismo. São Paulo: Shedd Publicações, 2013, p. 532.

⁵ WHIGHT, 2015, p. 136.

⁶ CLARK, Gordon H. *Em defesa da Teologia*. Brasília: Editora Monergismo, 2010, p. 41.

⁷ CLARK, 2010, p. 41.

⁸ CARSON, 2015, p. 138.

Há uma vasta base teórica para tratar do tema. Abordam-se sobre a comunicação do evangelho a um mundo pós-moderno⁹; a questão do pregador não perder o controle da exposição bíblica quando permitir que o contexto domine o texto exposto¹⁰; a influência calvinista na arte da exposição bíblica, como a viva voz de Deus em sua igreja¹¹; o fator da aplicação das Escrituras à vida contemporânea.¹²

Esse texto aborda o valor da pregação expositiva e suas implicações práticas conforme a autoridade final nas Escrituras Sagradas. Essa modalidade sermônica avalia as implicações práticas do texto bíblico, considerando o zelo que o pregador deve ter para não transformar essa ponte entre o mundo bíblico e o atual em meras exigências de um público consumista religioso. “O pregador perderá o controle da exposição bíblica quando permitir que o contexto que ele tenta ganhar para Cristo controle a Palavra que ele prega sobre Cristo¹³”. Isso pode acontecer quando o pregador incitado a trabalhar as necessidades dos ouvintes, transforma a pregação e as implicações práticas em pragmatismo religioso, atendendo as exigências mercadológicas de um público tendenciosamente consumista de resultados através da fé e também de um público que vive os efeitos modernistas que desaguaram numa espiritualidade aberta à experiência e que rejeita o entendimento da autoridade escriturística.

O enfoque deste texto reside em demonstrar em que medida o pregador de púlpito e midiático aplica o texto bíblico ao contexto atual, sem cair nos pressupostos pragmáticos religiosos. Tratará da possibilidade de uma pregação igrejeira e midiática que trate dos temas que fazem parte do contexto prático dos ouvintes, mas levando em consideração os pressupostos da fé cristã como elemento fundamental para se extrair as implicações cotidianas.

⁹ CARSON, D. A. *A verdade*. Como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Editora Vida Nova, 2015.

¹⁰ HELM, David. *Pregação expositiva*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.

¹¹ LAWSON, Steven J. *A arte expositiva de João Calvino*. São José dos Campos: SP, Editora Fiel, 2008.

¹² NEELY, Winfred Omar. *A aplicação das Escrituras à vida contemporânea*. In: KOESSLER, John. Manual de pregação. São Paulo: Editora Vida Nova, 2010.

¹³ HELM, 2016, p. 19.

Relembrando o conceito de sermão expositivo

A pregação expositiva nada mais é do que deixar o texto falar na sua amplitude escriturística de forma que a autoridade final sempre é Daquele que inspirou a Verdade e o ouvinte se torna um ser desprovido de toda centralidade humanística e é desafiado a viver de forma cristocêntrica.

Pregação segundo Calvino, “é a viva voz de Deus em sua igreja. Deus cria e multiplica sua igreja somente por meio de sua Palavra. É só pela pregação da graça de Deus que a igreja escapa de perecer¹⁴”. A pregação tem como centralidade o mistério revelado à humanidade, Jesus Cristo, “a mensagem central do Novo Testamento, que fez o que o homem não podia fazer, para levar um povo perdido, de volta para Deus¹⁵”. James Stewart, lembra que “a pregação não existe para a propagação de ideias e opiniões, mas para a propagação dos poderosos atos de Deus¹⁶”.

Quando se trata do sermão expositivo, o mesmo não pode ser visto como uma forma de pregação onde o pregador fragmenta o texto bíblico em perícopes e explica o respectivo contexto histórico-gramatical para que o público entenda as questões literárias do texto. Isso faz parte da exposição, mas a pregação, além de expor a fundamentação bíblica, traz em si as implicações do texto para a vida do ouvinte, para que o mesmo possa vivenciar a respectiva exposição no seu contexto.

A pregação expositiva é negligenciada por ignorância de algumas denominações que não tem uma tradição teológica, por instituições que se renderam ao pragmatismo religioso ou por igrejas que sofreram com a influência do liberalismo teológico. Se torna um desafio maior diante de ouvintes que são influenciados a uma visão anti-teológica, intitulados de “desinteressados, que creem parcialmente no evangelho¹⁷”.

¹⁴ LAWSON, 2008, p. 43.

¹⁵ GOLSWORTHY, Graeme. *Pregando toda a Bíblia como Escritura Cristã*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013, p. 36.

¹⁶ STOTT, John. *O perfil do pregador*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2011, p. 32.

¹⁷ CLARK, 2010, p. 41.

A possibilidade e necessidade do sermão expositivo no contexto midiático

Falar em exposição bíblica no contexto da pregação no púlpito é um desafio, pois os ouvintes sofrem quanto ao formato que a modalidade impõe e no tocante à submissão escriturística no contexto pós-moderno. No contexto midiático, em virtude da forma e do tempo hábil para atrair a atenção do ouvinte, é mais difícil ainda. Sendo assim, é possível pregar expositivamente no contexto midiático radiofônico, onde os ouvintes estão na tensão do trânsito e da santa pretensão de ser ministrado pela Palavra de Deus? Há possibilidade de sucesso do sermão expositivo nas mídias atuais, onde o imperativo é a intensa dinâmica de vozes e mensagens a serem respondidas? Em que medida isso é possível?

Em igrejas que tem uma produção ativa de mídia, existe uma sincronia entre o púlpito e as várias possibilidades midiáticas. O culto pode ser transmitido ao vivo através do *streaming* pago ou até mesmo pela nova modalidade do *facebook*; A mensagem ministrada no domingo pode ser publicada no *youtube* e alcançar o público externo; A mesma mensagem transmitida em vídeo pode ser transformada em *podcast* e ser transmitida para um público de interesse comum através das redes sociais de áudio. Enfim, a possibilidade do sermão expositivo na mídia se dá em função da própria comunidade poder ser uma transmissora de conteúdo de fé nas mídias antigas (rádio, televisão, imprensa escrita) e nas novas mídias (redes sociais e transmissores de vídeo e áudio).

Quanto à necessidade de se pregar expositivamente na mídia, isso acontece justamente pela quantidade de vozes que fazem parte do cotidiano do ouvinte nas diversas modalidades midiáticas. A mídia é multiplural e nela encontra-se pregadores televisivos, radiofônicos e socialmente virtualizados com apelos emotivos para atrair a fidelidade financeira dos fiéis ou formadores de opinião nas redes sociais que manifestam o humanismo disfarçado de Evangelho, vindo a carregar milhares de fiéis para uma vida de relativismo e uma espiritualidade sem contornos bíblicos. A mídia é um ambiente propício e aberto para o oferecimento da herança modernista. “Boa parte

da teologia moderna oferece pouco mais do que palpites santificados, e eles suspeitam que os sofisticados bancos das igrejas tenham mais fé na ciência do que nos textos da pregação¹⁸.

Implicações práticas do sermão expositivo x pragmatismo e pluralismo religioso

Doutrina e prática de mãos dadas

Um dos desafios para o pregador e o ouvinte é estabelecer uma relação entre a doutrina e as implicações práticas do sermão. Teoria e aplicação andam de mãos dadas, pois “se as pessoas quiserem uma religião de mistérios, não poderão adotar o cristianismo. O totalitarismo deve ser temido, mas não quanto o irracionalismo religioso e cultural, com trejeitos de piedade e humildade¹⁹”, que tem levado muitos a viverem uma religiosidade mística, desprovida de significados sólidos.

A aplicação faz parte integral da compreensão do texto, mas “deve responder a duas perguntas: o que Deus realmente quer do homem? E como o mesmo pode cumprir este dever²⁰”? Expor as Escrituras sem aplicá-la ao coração do ouvinte pode macular o propósito da pregação.

O desafio para quem prega é transmitir conhecimento e aplicá-lo ao cotidiano do ouvinte. No entanto, aplicação sem fundamentos tem somente desdobramentos religiosos ou místicos no cotidiano e o efeito disso é danoso, pois não cumpre o objetivo final da prédica bíblica. A prática evangelical atual despreza os elementos distintivos da fé e isso tem gerado um cristianismo experimental que não condiz com o cristianismo bíblico. Paulo lembra ao filho na fé Timóteo da imensa responsabilidade acerca da pregação, o alertando para o “cuidado pessoal e doutrinário” (1 Tm 4.15,16). “Isso lembra que, pregar Cristo envolve doutrina. Não no sentido de discorrer sobre doutrina,

¹⁸ ROBINSON, Haddon W. *Pregação Bíblica*. O desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos. São Paulo: Editora Shed, 2002, p. 18.

¹⁹ CLARK, 2010, p. 109.

²⁰ SHEDD, Russell. *Palavra Viva*. Extraindo e expondo a mensagem. São Paulo: Editora Vida Nova, 2000, p. 93.

mas no sentido de que a pregação deve ter caráter doutrinário – baseada no conceito sobre o propósito de Deus em Cristo²¹”. “Iain Murray, ao citar Charles Spurgeon, lembra que “muitos males tem chegado através de um evangelho distorcido, mutilado, modelado pelo homem, levando-os ao legalismo e desprezando a graça pela qual foram chamados²²”.

O anseio por alcançar o coração do ouvinte faz justiça ao propósito do sermão, mas pode levar o pregador a se enveredar para a satisfação plena do homem. O objetivo do Evangelho e sua explanação não é o de proporcionar uma vida repleta de realizações, mas ensinar a viver conforme Cristo num mundo caído. Spurgeon fala que “dirigir apelos aos sentimentos afetivos é excelente, mas se não vão acompanhados de instrução, são apenas um lampejo no panorama, é pólvora gasta, sem acertar o alvo²³”.

O sermão expositivo é valioso por transmitir ao público uma visão e conhecimento global das Escrituras Sagradas. É uma ótima oportunidade para o ouvinte e também para o pregador, pois os forçam a se dedicarem mais ao estudo bíblico e teológico. Embora a exposição bíblica não resolva todos os problemas da igreja no contexto pós-moderno, ameniza a tensão entre o Evangelho e o humanismo infiltrado nos seminários teológicos e púlpitos. Haddon W. Robinson resume isso, dizendo que:

“O homem no púlpito enfrenta a insistente tentação de pregar alguma mensagem que não seja aquela das Escrituras – um sistema político, uma teoria de ciência econômica, uma nova filosofia religiosa, antigos *slogans* religiosos ou uma tendência da psicologia²⁴”.

O cuidado que deve-se ter com a fundamentação não pode levar o expositor a confundir pregação com uma transmissão de conhecimento, apenas. O rico ensino contido nessa modalidade de sermão tem uma finalidade prática, pois a verdadeira pregação expositiva “contém aplicação. Sem desdobramentos para o cotidiano, não se

²¹ ANDREWS, Edgar. *Pregando Cristo*. São Paulo: Editora PES, 2005, p. 27.

²² MURRAY, Iain H. *Spurgeon versus hipercalvinismo*. A batalha pela pregação do Evangelho. São Paulo: Editora PES, 1995, p. 179.

²³ SPURGEON, C. H. *Lições aos alunos*. Homilética e teologia pastoral. São Paulo: Editora PES, 2002, p. 106.

²⁴ ROBINSON, 2002, p. 20.

tem uma mensagem expositiva. A ausência de aplicação em uma mensagem nem sequer faz jus à natureza das Escrituras²⁵”.

A aplicação deve ser o efeito de todo sermão. “É o processo retórico mediante o qual se aplica direta e pessoalmente a verdade ao indivíduo, a fim de persuadi-lo a reagir de modo favorável²⁶”. O sermão expositivo ilumina a mente e aquece o coração através da aplicação. “Jonathan Edwards disse que o “povo precisa muito mais ter o coração tocado do que armazenar conhecimento na mente²⁷”. Não disse isso no sentido de que a mente não precise de luz, mas na convicção que mente e coração precisam ser tocados. “O sermão é endereçado à mente, mas não é apenas comunicação de informação – há também admoestação e exortação. Há um sentido de direção à vontade das pessoas e um convite a se mover²⁸”.

O problema é entender o sentido prático que o sermão deve ter, e também como aplicar uma mensagem sem negociá-la aos ditames da herança moderna. Quando a Palavra de Deus é pregada, “o efeito pode ser a resistência de uma mentalidade de consumidores. David Larsen citando Lutero, disse que, “quando prega-se a verdade, os cães começarão a latir”. Lutero deu um conselho a Melancton dizendo: “Pregue de um modo tal que, se as pessoas não odiarem os pecados delas, vão odiar você²⁹”.

Aplicação da prédica no mundo pós-moderno

O mundo pós-moderno é hostil à autoridade bíblica e influencia os ouvintes em todo o contexto vivencial, requerendo do pregador um cuidado maior desde a preparação até a aplicação da mensagem. A ideologia pós-moderna é “uma síntese de

²⁵ NEELY, 2010, p. 51.

²⁶ BRAGA, James. *Como preparar mensagens bíblicas*. São Paulo: Editora Vida Acadêmica, 2005, p. 212.

²⁷ PIPER, John. *A supremacia da pregação*. Teologia, estratégia e espiritualidade do ministério de púlpito. São Paulo: Shedd Publicações, 2003, p. 84.

²⁸ MOHLER Jr, R. Albert; BOICE, James. *Apascenta meu rebanho*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 98.

²⁹ LARSEN, David L. *Anatomia da pregação*. Identificando os aspectos relevantes para a pregação de hoje. São Paulo: Editora Vida acadêmica, 2005, p. 94.

Heidegger e Nietzsche com Marx e Freud. É uma mistura volátil de determinismo, libertarismo e irracionalismo e uma análise quase científica, visões de mundo totalizadoras e cetismo revolucionário³⁰. Na aplicação, considera-se que a chamada por mudança ou desafio de vivência no contexto cultural deve atender para a relação do ouvinte pós-modernista. “É o leitor, dizem os pós-modernistas, quem estabelece o significado, e não controles que limitem o significado que possa ser atribuído³¹”. Nesse sentido, o pregador precisa entender o contexto atual, sem contanto, se render à respectiva tendência subjetiva do ouvinte. A aplicação do sermão visa “mover os corações do povo, mas não psicologicamente, mas com raios de luz do Sol da justiça³²”.

A aplicação envolve uma chamada à tomada de decisão. O sermão expositivo parte de uma consciência a partir da autoridade bíblica e isto é uma “percepção de que o ensino bíblico é a verdade divina e que os convites e admoestações, as ameaças e avisos, as promessas e garantias da Escritura ainda expressam a mente de Deus para com a humanidade³³”. A pregação pode levar um ouvinte a considerar inúmeros fatores que o outro ouvinte não enxergou, no entanto, o eixo aplicativo deve conduzir ambos ao cerne do Evangelho e a consequente vida de arrependimento. O pós-modernismo enfatiza a “dimensão social da criação do significado. As forças impessoais da cultura, da economia e da psicologia, mediadas pela linguagem – moldam o comportamento humano³⁴”.

A historicidade bíblica mostra que a pregação comunica informações e leva o ouvinte à uma reflexão prática. “Jesus não apenas pregou a mensagem do reino de Deus, mas fez também aplicações pessoais, confrontando o ouvinte de Sua Palavra

³⁰ VEITH, Gene Edward Jr. *O fascismo moderno*. A cosmovisão judeu-cristã ameaçada. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010, p. 112.

³¹ MOHLER Jr., R. Albert. *Deus não está silêncio*. Pregando em um mundo pós-moderno. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2011, p. 130.

³² PIPER, 2003, p. 86.

³³ PACKER, J. I. *Religião vida mansa*. A teologia do prazer e o desafio para o crente num mundo materialista. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 187.

³⁴ VEITH Jr, 2010, p. 113.

com uma decisão a ser tomada (Mt 4.17; 11.28-30; 18.15ss.)³⁵. A implicação prática da mensagem do Reino não era uma forma de agradar o público ou se adequar ao ouvinte pós-moderno, mas de levá-los a aplicar a mensagem do Reino no cotidiano. O dia-a-dia é moldado em grande parte através da cultura atual, que midiaticamente muda os costumes e lança dúvidas sobre a validade da tradição nos âmbitos da fé e família.

Basicamente, existem três grupos de ouvintes na pós-modernidade. O primeiro, que busca se fundamentar na Bíblia e tradição. Segundo, aqueles que buscam uma mensagem motivacional quanto ao sucesso e triunfalismo em todas as questões da vida. E o terceiro, aqueles que buscam viver e extrair da Bíblia uma mensagem religiosa que não o constranja a uma tomada de decisões que afete a sua liberdade. Ao se deparar com o primeiro e segundo grupo, o pregador se sente tentado a satisfazer esses anseios, por medo de perder o público para outro concorrente ou por receio de que as pessoas se tornem desigrejadas. Nesse contexto, é preciso que haja um posicionamento firme, pois o mundo contemporâneo marcará o compasso da sociedade para uma vida cada vez mais centrada nas necessidades do homem. A firmeza referida não é o de alienar o ouvinte, mas aplicar a mensagem à sua mente e coração, com doutrina bíblica e pontes cotidianas. Nesse sentido, Bryan Chapell diz que:

“A pregação cristocêntrica mantém a obra redentora de Cristo como ponto central de todo sermão como o é para o alvo da Escritura sobre a premissa de que não existe motivação mais poderosa para a santidade do que o amor de Deus manifestado na obra redentora de Cristo. Quando o amor motiva, então o Senhor, seus propósitos e sua glória, tornam-se nosso objetivo maior que sua própria pessoa³⁶”.

A pregação expositiva fortalece a intenção do pregador que pretende expor e aplicar as Escrituras, e se torna um meio de não transformar a mensagem em aspectos de preenchimento das necessidades dos ouvintes. Isso não significa que as demais formas sermônias sejam inaptas, mas que a exposição bíblica é uma modalidade que dificulta a intenção do pregador em querer agradar os anseios pós-modernistas dos

³⁵ REIFLER, Han Ulrich. *Pregação ao alcance de todos*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2008, p. 82.

³⁶ CHAPPELL, Bryan. *Pregação Cristocêntrica*. Restaurando o Sermão Expositivo. São Paulo Paulo, 2007, p. 227.

ouvintes. O sentimento pós-modernista está em plena construção ainda. No entanto, algumas características desse período são resumidas por Stanley Grenz:

“Os pós-modernistas não estão preocupados em provar que estão “certos” e os outros “errados”. Para eles, as crenças são, em última análise, uma questão de contexto social e, portanto, é bem provável que cheguem à conclusão de que “o que é certo para uns talvez não o seja para outros” e “o que está errado num contexto talvez seja aceitável ou até mesmo preferível noutro”³⁷.

As necessidades dos ouvintes estão relacionadas com as ênfases atuais do pós-modernismo. O ouvinte atual tem uma certa repugna à pregação do Evangelho, quando tratado como verdade que interfira nas suas escolhas religiosas. A aplicação do sermão envolve uma chamada e interferência no modo de vida do ouvinte, o levando à consciência bíblica cristã e isso abala as estruturas da consciência libertária. Essa pregação será sempre loucura aos olhos de quem deseja viver de forma livre e descomprometida. Nesse sentido, segue a comparação entre o pensamento moderno e o pós-moderno³⁸:

Modernismo	Pós-modernismo
Fatos, observação e lógica	Sentimentos e especulação
Verdade absoluta	Verdade relativa – cada um constrói a sua
Monoteísmo bíblico	Pluralismo – toda religião é boa
Relacionamento pessoal	Comunidade espiritual
Padrões morais bíblicos	Relativismo moral baseado em sentimentos
Comportamento sexual definido na Bíblia	Identidade sexual opcional
Conhecimento objetivo	Desejo subjetivo

³⁷ GRENZ, Stanley. *Pós-modernismo*. Um guia para entender a filosofia de nosso tempo. São Paulo: Editora Vida Nova, 2008, p. 30.

³⁸ MARINHO, Robson M. *A arte de pregar*. Como alcançar o ouvinte pós-moderno. São Paulo: Editora Vida Nova, 2008, p. 57.

Valores tradicionais	Valores próprios, sem certo ou errado
Perspectiva científica	Misticismo e espiritualismo
Argumentação doutrinária	Descoberta pessoal
Igreja: povo de Deus	Igreja: comunidade cultural

O propósito da pregação não é o de satisfazer as expectativas dos ouvintes quanto aos aspectos efêmeros da vida. A pós-modernidade impõe um tipo de pregação que anule a “autoridade em detrimento da experiência, que trabalhe o pluralismo ao invés da mensagem salvífica³⁹”. No entanto, as implicações práticas de um sermão deve comunicar com a atualidade, mostrando ao ouvinte como o mesmo aplicará a verdade do Evangelho no contexto familiar, social, político e cultural, baseados numa consciência cristocêntrica. “A contextualização divide-se em duas abordagens. A primeira reconhece a autoridade de Deus na Escritura e a segunda, onde a prática se transforma no controle hermenêutico⁴⁰”. Comunicar o Evangelho sem o entendimento escriturístico da autoridade divina pode gerar uma confusão religiosa pluralista, onde a prática não depende da teoria. Pregar envolve entender a cidade e a cultura predominante. Timothy Keller ao falar sobre contextualização, traz uma visão equilibrada, dizendo que:

“O ministério da igreja centrada não é subcontextualização nem supercontextualização em relação à cidade e à cultura. Como a cidade ‘tem potencial tanto para o desenvolvimento humano quanto para a idolatria humana, a ministração deve ser feita com equilíbrio, usando o evangelho tanto para valorizar a cultura quanto desafiá-la a viver de acordo com a verdade de Deus⁴¹”.

O ouvinte, através da pregação, tem a possibilidade de entender a sua relação com aquilo que o cerca, gerando uma cosmovisão necessária para o enfrentamento cultural e as respectivas mudanças na sociedade que refletem o modo de vida expresso na revelação divina. Como lidar com o dia-a-dia tem como ponto inicial o despertar do Evangelho. O sermão expositivo é favorável neste compasso, pois leva o leitor a

³⁹ MARINHO, 2008, p. 64-67

⁴⁰ CARSON, 2013, p. 532.

⁴¹ KELLER, Timothy. *Igreja centrada*. Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho. São Paulo: Editora Vida Nova, 2014, p. 105.

entender a realidade bíblica e como aplicar ao seu contexto e também estimula o leitor aos estudos daquilo que ele precisa praticar. Aplicar a mensagem ao ouvinte pós-moderno envolve uma “apropriação das pedras fundamentais que eram ministradas desde sempre, isto é, pecado, graça e salvação e levá-los a compreensão de que isto é verdadeiro. Sem essa cosmovisão cristã, o evangelismo se perde⁴²”. Na “cosmovisão cristã, a verdade é absoluta, objetiva, proposicional e eterna – e não simplesmente relativa, subjetiva, experimental e efêmera. E ela pode confrontar-se com qualquer sabedoria mundana, e sair vitoriosa⁴³”.

As implicações práticas de um sermão que não levam em consideração a cosmovisão cristã está fadada à formação de mentalidades relativistas religiosas, pois “através da cosmovisão humana o mundo não conhece nem nunca virá a conhecer ou compreender a Deus (1 Co 1.20-21)⁴⁴”. A forma como o cristão deve olhar, viver e entender o que está ao seu redor deve ser tratado na pregação para que a exposição seja completa. No entanto, muitos “querem uma cosmovisão cristã, mas não querem confundí-la com o Evangelho e tentam melhorar o evangelho, tornando-o mais amplo, vindo a perdê-lo⁴⁵”. O Evangelho e seu desafio prático “não é um mero conhecimento especulativo das coisas da religião, mas visa que o homem seja encaminhado para uma vida de santidade⁴⁶”.

Como esse propósito pode ser alcançado sem que a aplicação contextual contemporânea se torne pragmatismo ou pluralismo religioso? O desafio do pregador contemporâneo é aplicar o sermão, sem perder a perspectiva escatológica do mesmo. “O *kerigma* apostólico não era “algum tipo estereotipado de sermão com meia dúzia de argumentos, mas sim uma declaração sistemática da teologia da igreja primitiva⁴⁷”.

⁴² CARSON, 2015, p. 126.

⁴³ MACARTHUR, John. *Pense biblicamente*. Recuperando a visão de mundo. São Paulo: Editora Hagnos, 2005, p. 223.

⁴⁴ MACARTHUR, 2005, p. 228.

⁴⁵ DEVER, Mark. *Aprimorando o Evangelho*. In: PIPER, John; SPROUL, R. C.; MACARTHUR, John; MAHANEY, C. J. *Proclamando uma Teologia centrada na cruz*. Niterói, RJ: Editora Tempo de Colheita, 2012, p. 127.

⁴⁶ EDWARDS, Jonathan. *Caridade e seus frutos*. Um estudo sobre o amor em 1 Coríntios 13. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015, p. 258.

⁴⁷ STOTT, 2011, p. 36.

Justo González, ao falar sobre os desafios do século 21 para o pensamento cristão, conforme a carta de Paulo aos Efésios 1.3-14, diz que o “mistério da soberana vontade de Deus, que a mente não compreende, porém o coração abraça, faz com que não haja vidas truncadas, pois em Cristo, este momento fugaz ganha dimensões de eternidade e Ele se torna o apogeu⁴⁸”.

Implicações práticas e espiritualidades pós-modernas

Embora haja uma dificuldade de definir o termo espiritualidade cristã em detrimento das inúmeras abordagens possíveis na história do cristianismo, é importante que se traga uma definição básica da mesma. “Esta seria o relacionamento profundo com Deus Pai, mediado pela cruz de Jesus Cristo, no poder do Espírito Santo⁴⁹”. Seria melhor falar de discipulado do que espiritualidade, pois o termo abrange noções dos “cristãos da Idade Média como modelo para hoje⁵⁰”. No entanto, usaremos o termo com muita cautela, traçando distintivos, por exemplo, entre esta e a mística. Misticismo é uma “abordagem à fé cristã que enfatiza especialmente o aspecto relacional, espiritual ou experimental da fé, em contraste com os aspectos mais cognitivos ou intelectuais, tradicionalmente atribuídos ao campo da teologia⁵¹”.

Embora o termo “mística” tenha um teor religioso subjetivo, McGrath lembra que “Calvino não teve dificuldade em usar o termo *unio mystica* (“união mística”) para referir-se ao relacionamento entre Cristo e o indivíduo cristão⁵²”. Observe que Calvino delimitou o termo, algo que não tem sido feito na atualidade. A terminologia “mística” tem sido usada no campo da experiência religiosa em contraste com aspectos objetivos da fé bíblica. Assim sendo, embora a espiritualidade cristã não possa ser limitada apenas a conceitos, a proposta deste trabalho parte do pressuposto que a

⁴⁸ GONZÁLEZ, Justo. *Desafios do século 21 para o pensamento cristão*. Esboços teológicos. São Paulo: Editora Hagnos, 2014, p. 176.

⁴⁹ FERREIRA, Franklin. *Servos de Deus*. Espiritualidade e teologia na história da igreja. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014, p. 17.

⁵⁰ NICODEMUS, Augustus. *O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2011, p. 162.

⁵¹ MCGRATH, Alister. *Uma introdução à espiritualidade cristã*. São Paulo: Editora Vida Acadêmica, 2008, p. 26.

⁵² MCGRATH, 2008, p. 26.

espiritualidade precisa ter contornos teológicos, ou seja, precisa ser bem definida para se distinguir o que é Evangelho e pluralismo religioso no contexto da pregação e respectivas implicações práticas ao mundo pós-moderno.

A espiritualidade cristã no contexto das implicações práticas do sermão não tem como ser desvinculada das doutrinas bíblicas. Prática sem doutrina é um ambiente fértil para os méritos humanos. A “falta da ênfase na justificação pela fé em Cristo, pela graça, sem as obras ou méritos humanos e na doutrina da regeneração tem conduzido à ideia da religiosidade natural⁵³”, isto é, uma prática sem a necessidade do intermediário redentor.

A influência que os ouvintes recebem do contexto pós-modernista no tocante às inúmeras espiritualidades, deve levar o pregador a ser tornar cauteloso na aplicação da mensagem. O subjetivismo de quem ouve deve ser confrontado com definições precisas para que o mesmo tenha uma prática que seja correspondente ao Evangelho. “O pragmatismo sucumbiu à noção humanista de que o homem existe para sua própria satisfação. O humanismo ensina que, para as pessoas serem felizes, elas devem ter todas as suas necessidades e desejos satisfeitos⁵⁴”. O mundo atual é altamente espiritualizado, gerando assim uma confusão daquilo que a mensagem ouvida quis dizer necessariamente, caso não haja contornos bem definidos. “Embora a verdade objetiva possa estar fora de moda entre pós-modernistas, a espiritualidade está na moda⁵⁵”.

Uma dose forte de clareza na aplicação evitará que os contornos do pluralismo religioso confunda os propósitos da pregação ouvida. O ambiente midiático tem favorecido a proliferação de uma mensagem confortável aos ouvidos, mas que ignora o teor do *kerigma*. O conteúdo querigmático consiste em “proclamar a morte, ressurreição e exaltação de Jesus, considerando-o como Senhor e Cristo, convocando o ouvinte ao

⁵³ NICODEMUS, 2011, p. 165.

⁵⁴ MACARTHUR, John. *Nossa suficiência em Cristo*. Três influências letais que minam a sua vida espiritual. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015, p. 144.

⁵⁵ CARSON, 2015, p. 144.

arrependimento e ao recebimento de perdão de pecados⁵⁶”. Quando nos reportamos aos reformadores e puritanos, Paulo Anglada nos informa que:

“eles queriam, através da pregação, informar o intelecto, mover as afeições e motivar a vontade e além de tudo isso, o coração, e isso eles buscavam, não por meio de manipulação retórica da audiência, mas através da pregação fiel da Palavra de Deus. Lutero resume o propósito da pregação em “estimular os pecadores a sentirem seus pecados e despertar neles o desejo pelo tesouro do Evangelho⁵⁷”.

A pregação é fundamentalmente teórica e prática, pois a Bíblia contém a “descrição da vida real, da verdadeira verdade. Ela é uma série de cartas do Criador à criatura, trazendo informações necessárias sobre o nosso ser, vida e vocação⁵⁸”. A pregação é prática, pois é a nossa vida sendo expressa em páginas inspiradas pelo Senhor. No entanto, textos usados como pretexto e fora do contexto, podem gerar um tipo de pregação que agrada o público em suas necessidades egoístas ou levá-los a um relacionamento doentio e formar uma espiritualidade sem contornos bíblicos.

A espiritualidade do cristão, a partir do viés bíblico, aponta para a forma pela qual o mesmo “experimenta em sua vida a verdade bíblica, a doutrina cristã, isto é, qual deve ser a meta da vida cristã e como o mesmo deve aplicar a verdade divina a todo o âmbito da experiência pessoal e tudo que o cerca⁵⁹”. Isso é diferente de uma mensagem que apela para a consciência religiosa do ouvinte, deixando o subjetivismo pós-moderno completar o pensamento da mensagem. “As espiritualidades alternativas foram para o oriente descobrir o misticismo e retornaram com uma religião híbrida relativista, um certo monismo pagão, que se perfaz no ideal do igualitarismo autônomo⁶⁰”.

O desafio da contextualização é uma linha tênue entre a necessidade das implicações práticas e o pluralismo religioso. A igreja, através da mídia tem a

⁵⁶ STOTT, 2011, p. 36.

⁵⁷ ANGLADA, Paulo. *Introdução à pregação reformada*. Ananindeua, PA: Editora Knox, 2005, p. 188.

⁵⁸ SCHAEFFER, Francis. *Não há gente sem importância*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 8.

⁵⁹ BEEKE, Joel. *Espiritualidade Reformada*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014, p. 552

⁶⁰ JONES, Peter. *A ameaça pagã*. Velhas heresias para uma nova era. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 35.

oportunidade de anunciar o Evangelho como também se tornar mais um ramo religioso que oferta soluções rápidas para o público, que confunde o mesmo com uma mensagem pluralista, sem contornos querigmáticos. O pregador midiático deve estar atento para não cair na vala comum atual. “O bem-estar espiritual dos outros reclama que o pregador não obscureça o pensamento com um idealismo abstrato, que não perturba ninguém e nem tenha potencial para colocar os ouvintes em dificuldade⁶¹”. David Helm contribui, dizendo:

“um dos problemas com a pregação contextualizada hoje é que muitas vezes ela tem recebido a ênfase errada. Ao elevar a contextualização ao nível de uma disciplina focada *exageradamente* em resultados práticos, alguns pregadores tratam o texto bíblico de maneira casual e indiferente. Esse é o problema da adesão cega. A partir do desejo saudável de fazer progredir a missão da igreja, o pregador concentra sua preparação exclusivamente em aspectos criativos e artísticos para tornar seu sermão relevante⁶²”.

A abordagem prática do sermão precisa ser bem distinta do que a contemporaneidade relativista impõe. No contexto societário líquido, “a verdade precisa ser abordada com suficiente nitidez para “iluminar” o sentimento, prática, disposição ou necessidade, caso contrário, não será eficaz⁶³”.

Por um lado temos a espiritualidade do neopentecostalismo, que tem confundido a aplicação contextual bíblica com satisfação de um público que trata a igreja como supermercado e faz o uso da espiritualidade no campo da subjetivo, apenas. Nesse vies, “ao relacionar o sermão aos problemas e necessidades humanas⁶⁴”, e anseios espiritualistas, a consequência é o esvaziamento na “crença da singularidade de Cristo e a respectiva experiência de Cristo através do Espírito Santo, à vida transformada ou o testemunho do Espírito como meios de certificação⁶⁵”.

⁶¹ CHAPPELL, 2007, p. 243

⁶² HELM, 2016, p.19.

⁶³ BROADUS, John A. *Sobre a preparação e a entrega de sermões*. São Paulo: Editora Hagnos, 2009, p. 177.

⁶⁴ BRAGA, 2005, p. 218.

⁶⁵ CARSON, 2015, p. 145.

Por outro lado, a espiritualidade pós-moderna, embora não trabalhe a verdade objetiva, trouxe alguns resquícios do liberalismo teológico, que tem transformado a pregação numa proclamação religiosa desprovida do conceito de espiritualidade bíblica. Nesse contexto, as implicações práticas do sermão são influenciadas por ideologias do pseudo-cristianismo liberal, que insiste em produzir os seus efeitos danosos à igreja do Senhor. No século XIX, “nacionalismo, evolucionismo, materialismo e liberalismo teológico produziram grande devastação na igreja. O iluminismo, com seu ponto de vista centrado no homem, considerou a razão humana e juiz de tudo⁶⁶”. Alistair Begg relata que:

"A ausência da pregação expositiva está relacionada diretamente a uma erosão da confiança na autoridade e na suficiência das Escrituras. No início do século XIX, as linhas de batalha foram dirigidas contra as forças do liberalismo. Os liberais estavam desafiando os milagres, questionando as coisas divinas e se opondo à historicidade dos documentos do Novo Testamento. As Escrituras são negligenciadas, depreciadas e usadas apenas como um trampolim para todos os tipos de "conversas" que estão muito distantes da genuína exposição bíblica⁶⁷".

A pregação deve levar em consideração o contexto cultural para que as implicações práticas possam ser delineadas com mais facilidade. No entanto, o “texto da Escritura deve ser nossa atenção principal e não a cultura. Não estamos falando sobre transformação cultural ou renovação cultural, mas de pregar o evangelho para os pecadores⁶⁸”. A pregação do Evangelho não depende da acomodação pós-moderna no sentido de ter que ser render à hostilidade relativista, pluralista e espiritualista, mesmo porque “em face da diversidade cultural, os cristãos devem expressar a autoridade

⁶⁶ LOPES, Hernandes Dias. *Pregação Expositiva*. Sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Editora Hagnos, 2010, p. 61.

⁶⁷ BEGG, Alistair. *Pregando para a glória de Deus*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014, p. 25-26

⁶⁸ DEVER, Mark; DUNCAN, J. Ligon; MOHLER Jr., Albert R.; MAHANEY, C. J. *A pregação da cruz*. Um chamado à pregação expositiva e centrada no evangelho como foco do ministério pastoral. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010, p. 64-65.

transcultural da Bíblia, porque eles são os únicos no planeta com uma mensagem destinada a todos⁶⁹”. Jilton Morais traz uma riquíssima contribuição ao dizer que:

“Nesse tempo de relativismo e apostasia, a utilidade da comunicação sacra começa a ser questionada. E cabe a nós, pregadores, proclamarmos com tal relevância, para que o sermão sirva realmente. E o sermão se torna útil quando, começando na pessoa do pregador e alcançando os ouvintes, é proferido e ouvido não como peça retórica, a arrancar aplausos da plateia, mas palavra de Deus, que muitas vezes arranca lágrimas⁷⁰”.

O termo relevância tem se tornado pejorativo e pode levar o pregador a viver como garçom espiritual. Caso o mesmo não consiga entender o que é implicação prática do ponto de vista bíblico e as exigências pós-modernas ligadas ao anseio do povo. “A Bíblia é *kerygma*, proclamação, discurso relevante, apelo⁷¹”. Relevância é confundida com uma apresentação prática do Evangelho que considere o ouvinte acima de tudo. De fato, o ouvinte pós-moderno, diante do relativismo, pluralismo e espiritualidade aberta, tem exigido cada vez mais que hajam pregadores personalistas.

A ponte entre o mundo bíblico e a atualidade requer explicação e aplicação. “O problema que os pregadores enfrentam é como integrar a explicação e a aplicação para que todo o sermão seja compreendido como comunicação relevante⁷²”. No contexto neopentecostal, a relevância é vista como um meio de preencher a necessidade do ouvinte, ainda que isso custe o propósito do sermão bíblico. No tocante ao meio influenciando pela teologia moderna liberal, a relevância se dá quando a mensagem se torna um meio religioso entre cultura e o indivíduo, formando assim uma espiritualidade fora das cercas da revelação divina.

Considerações finais

⁶⁹ DEVER, 2010, p. 65.

⁷⁰ MORAIS, Jilton. *Homilética*. Do ouvinte à prática. São Paulo: Editora Vida Acadêmica, 2013, p. 296.

⁷¹ GREIDANUS, Sidney. *O pregador contemporâneo e o texto antigo*. Interpretando e pregando literatura bíblica. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006, p. 221.

⁷² GREIDANUS, 2006, p. 223.

A pregação das Escrituras Sagradas pressupõem as implicações práticas, pois a revelação divina é o conselho de Deus para o entendimento fundamental da fé e normas de manutenção do povo de Deus. “A. W. Tozer observa que “além de ensinar a verdade, a Escritura mostra seus usos para a humanidade. Os escritores inspirados eram homens que habitavam o mundo real⁷³”. David Larsen ao citar John Broadus, afirma que a aplicação de um sermão “não é meramente um suplemento para discussão ou uma parte subordinada dela, mas é o principal⁷⁴”. Por ser uma parte importante, o pregador deve se preocupar em fazer a ponte entre o mundo bíblico e o atual, mas tomando o cuidado extremo para não fugir da premissa querigmática da prédica.

A pregação no contexto pós-moderno se torna um desafio crescente em detrimento da “tolerância ideológica sobre a concepção metafísica de que não há uma única visão que seja universalmente verdadeira, mas sim, muitas visões que são corretas de alguma maneira⁷⁵”. “O crente no começo do século XXI é confrontado pelo consenso cultural esmagador, explicitamente ou implicitamente de que o homem não sabe nem pode saber nada da verdade⁷⁶”. O relativismo e o pluralismo religioso são obstáculos, no entanto, transponíveis por uma visão equilibrada entre teoria e prática. O anti-intelectualismo disfarçado de espiritualidades abertas tem tentado macular o cristianismo em nome de uma prática sem teoria.

A pregação é teórica e precisa levar o ouvinte às implicações práticas, mas o pós-modernista vive sob os cuidados do “experimentalismo e misticismo, procurando uma espiritualidade na religião de mistério, revelando uma prática irracionalista. A maturidade tem uma ordem: a teoria antes, a prática depois⁷⁷”. Pregador o texto bíblico e aplicá-lo envolve a teoria e esta tem sido refugada diariamente pelos corações endurecidos de homens que foram infectados pelo humanismo e hedonismo religioso.

⁷³ NEELY, 2010, p. 51.

⁷⁴ LARSEN, 2005, p. 91.

⁷⁵ MACARTHUR, 2005, p. 223.

⁷⁶ CLARK, 2010, p. 107.

⁷⁷ CLARK, 2010, p. 112.

A pregação deve conduzir o ouvinte à prática e não estimulá-lo ao pragmatismo através de uma prática sem teoria. “Deus não isenta seus ministros de proclamarem sua verdade só porque as pessoas não querem ouvi-la, e nem quer que pregadores coloquem sua Palavra fora do alcance do seu povo⁷⁸”. Paul Helm diz que “ a pregação deve dar diretriz e instruções aos cristãos em termos de sua experiência concreta, e não de irrealidades, mas sob o desafio de medir a nossa situação moderna⁷⁹”. Isso naturalmente conduz o pregador e o ouvinte ao entendimento do que é a necessidade prática do Evangelho. O praticismo evangélico atual em alguns contextos, entende que as implicações práticas contextuais seria levar o ouvinte ao entendimento que o Evangelho resolve todo e qualquer problema que ele esteja enfrentando. Na verdade, os desafios práticos da pregação são orientações do texto bíblico de como o leitor enfrentará os desafios atuais, mas não necessariamente de forma triunfal e nem um praticismo místico sem a lógica bíblica.

O ouvinte pode ter a ideia invertida acerca do propósito da pregação. Cabe ao pregador, através da pregação, levar o público ao entendimento que o propósito da prédica é uma “tomada de decisões, resoluções solenes e de acordo com as Escrituras. Seja para que confiem em Cristo como Salvador, abandonem o pecado ou respondam a alguma solicitação bíblica⁸⁰”. É claro que o contexto do ouvinte pode e deve ser trabalhado na aplicação desse propósito da pregação, mas com muito zelo para não transformar e perverter o propósito. Caso o arauto não tenha esse aspecto bem definido, pode cair nas exigências do mercado religioso, que tem um público interno no contexto evangelical brasileiro e também midiático.

A implicação prática do sermão não tem como objetivos “atingir estruturas temporárias, pressionar questões políticas passageiras, proporcionar alegria imediata, mas a glória do Deus que salva qualquer pessoa⁸¹”.

⁷⁸ CHAPPELL, 2007, p. 239.

⁷⁹ BEEKE, 2014, p. 552.

⁸⁰ DELNAY, Robert G. Fogo no seu púlpito. São Paulo: Editora Batista Regular, 2012, p. 33.

⁸¹ DEVER, 2012, p. 140.

Referências

ANDREWS, Edgar. **Pregando Cristo**. São Paulo: Editora PES, 2005.

ANGLADA, Paulo. **Introdução à pregação reformada**. Ananindeua, PA: Editora Knox, 2005.

BEEKE, Joel. **Espiritualidade Reformada**. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014.

BEGG, Alister. **Pregando para a glória de Deus**. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014.

BRAGA, James. **Como preparar mensagens bíblicas**. São Paulo: Editora Vida Acadêmica, 2005.

BROADUS, John A. **Sobre a preparação e a entrega de sermões**. São Paulo: Editora Hagnos, 2009.

CARSON, D. A. **A verdade: Como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2015.

CARSON, D. A. **Deus amordaçado: O cristianismo confronta o pluralismo**. São Paulo: Shedd Publicações, 2013.

CHAPELL, Bryan. **Pregação Cristocêntrica: Restaurando o Sermão Expositivo**. São Paulo Paulo, 2007.

CLARK, Gordon H. **Em defesa da Teologia**. Brasília: Editora Monergismo, 2010.

DELNAY, Robert G. **Fogo no seu púlpito**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2012.

DEVER, Mark; DUNCAN, J. Ligon; MOHLER Jr., Albert R.; MAHANEY, C. J. **A pregação da cruz: Um chamado à pregação expositiva e centrada no evangelho como foco do ministério pastoral**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.

DEVER, Mark. **Aprimorando o Evangelho**. In: PIPER, John; SPROUL, R. C.; MACARTHUR, John; MAHANEY, C. J. *Proclamando uma Teologia centrada na cruz*. Niterói, RJ: Editora Tempo de Colheita, 2012.

EDWARDS, Jonathan. **Caridade e seus frutos: Um estudo sobre o amor em 1 Coríntios 13**. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015.

FERREIRA, Franklin. **Servos de Deus: Espiritualidade e teologia na história da igreja**. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014.

GOLSWORTHY, Graeme. **Pregando toda a Bíblia como Escritura Cristã.** São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013.

GONZÁLEZ, Justo. **Desafios do século 21 para o pensamento cristão: Esboços teológicos.** São Paulo: Editora Hagnos, 2014.

GREIDANUS, Sidney. **O pregador contemporâneo e o texto antigo: Interpretando e pregando literatura bíblica.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

GRENZ, Stanley. **Pós-modernismo: Um guia para entender a filosofia de nosso tempo.** São Paulo: Editora Vida Nova, 2008.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho.** São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.

JONES, Peter. **A ameaça pagã: Velhas heresias para uma nova era.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

HELM, David. **Pregação expositiva.** São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.

LAWSON, Steven J. **A arte expositiva de João Calvino.** São José dos Campos: Editora Fiel, 2008.

LARSEN, David L. **Anatomia da pregação: Identificando os aspectos relevantes para a pregação de hoje.** São Paulo: Editora Vida acadêmica, 2005.

LOPES, Hernandes Dias. **Pregação Expositiva: Sua importância para o crescimento da igreja.** São Paulo: Editora Hagnos, 2010.

MCGRATH, Alister. **Uma introdução à espiritualidade cristã.** São Paulo: Editora Vida Acadêmica, 2008.

MACARTHUR, John. **Pense biblicamente: Recuperando a visão de mundo.** São Paulo: Editora Hagnos, 2005.

MACARTHUR, John. **Nossa suficiência em Cristo. Três influências letais que minam a sua vida espiritual.** São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015.

MARINHO, Robson M. **A arte de pregar: Como alcançar o ouvinte pós-moderno.** São Paulo: Editora Vida Nova, 2008.

MOHLER Jr, R. Albert; BOICE, James. **Apascenta meu rebanho.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009.

MOHLER Jr, R. Albert. **Deus não está silêncio: Pregando em um mundo pós-moderno.** São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2011.

MORAIS, Jilton. **Homilética. Do ouvinte à prática.** São Paulo: Editora Vida Acadêmica, 2013.

MURRAY, Iain H. **Spurgeon versus hipercalvinismo: A batalha pela pregação do Evangelho.** São Paulo: Editora PES, 1995.

NEELY, Winfred Omar. A aplicação das Escrituras à vida contemporânea. In: KOESSLER, John. **Manual de pregação.** São Paulo: Editora Vida Nova, 2010.

NICODEMUS, Augustus. **O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja.** São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2011.

PACKER, J. I. **Religião vida mansa: A teologia do prazer e o desafio para o crente num mundo materialista.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.

PIPER, John. **A supremacia da pregação: Teologia, estratégia e espiritualidade do ministério de púlpito.** São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

REIFLER, Han Ulrich. **Pregação ao alcance de todos.** São Paulo: Editora Vida Nova, 2008.

ROBINSON, Haddon W. **Pregação Bíblica. O desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos.** São Paulo: Editora Shed, 2002.

SCHAEFFER, Francis. **Não há gente sem importância.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009.

SHEDD, Russell. **Palavra Viva: Extraíndo e expondo a mensagem.** São Paulo: Editora Vida Nova, 2000.

SPURGEON, C. H. **Lições aos alunos: Homilética e teologia pastoral.** São Paulo: Editora PES, 2002.

STOTT, John. **O perfil do pregador.** São Paulo: Editora Vida Nova, 2011.

STOTT, John. **Os cristãos e os desafios contemporâneos.** São Paulo: Editora Ultimato, 2014.

WHIGHT, N. T. **Surpreendido pelas Escrituras: Questões atuais desafiadoras.** Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2015.

VEITH, Gene Edward Jr. **O fascismo moderno: A cosmovisão judeu-cristã ameaçada.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.